

## Nelson Maca

### Textos selecionados

#### Instinto de negridade

“Não há dúvida que uma literatura, sobretudo literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é o certo sentimento íntimo, que o torne homem de seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos, no tempo e no espaço.”

Machado de Assis

Não há dúvida que a revolta de um povo massacrado  
Sobretudo um povo sacrificado na sala de espetáculos da casa grande  
Entre móveis de jacarandá, castiçais de prata e cortinas de seda  
Deve alimentar-se primeiramente das estocadas que ainda lhe ferem a alma

Não há dúvida que o meu verso é também o meu quilombo ardente  
Atento às doutrinas absolutas que me querem escapelar o pixaim  
Queimar na fogueira do esquecimento meus sentimentos íntimos  
Alisar minha língua no ferro do feitor que mantém acesa a fogueira  
Conformar meu silêncio na pasta quente para esticar meus gestos

O que devo exigir de mim mesmo e do meu estilo antes de tudo  
É certo sentimento íntimo que me faz ciente do conflito que trago na cor da pele  
O que me torna um antipatriota convicto em conflito com o teu país e a tua cor  
É ser um aliciador dos corações curtidos no limão e no alho que lhes tempera  
Porque meu verso é levante ainda quando distante no tempo  
no espaço na composição do sangue.

(*Gramática da ira*, p. 152-153)

#### Filhinha

-para Lúcia e Luiza

Noites e noites acordado passo horas a fio observando minha filhinha  
dormindo  
Após noite a fio acordado durmo o sono de pai para vê-la logo  
ao raiar do dia  
Digo para ela todos os dias o quanto ela é linda e pergunto quem é  
a minha pretinha  
Suas pernas crescem seus braços crescem seus cabelos crescem  
sua curiosidade cresce  
O seu cabelo cresce e não nega a raça de quem nasceu para ser  
a deusa do ébano  
O seu cabelo cresce e não nega a graça de quem saberá ser a  
muzenbela  
O seu cabelo cresce e não passa de graça pelo olhar da cidade adversa

A minha filhinha crescida já vai para a escola se espanta se anima  
se rebelar se aborrece  
A minha filhinha parece que já nasceu cantando e dançando  
as músicas de que gosta  
Preta preta pretinha eu vivo o tempo todo pensando nela  
pretinha que me faz um navegador  
Ao fim do dia, nossa constante lição, falo dos nossos avós  
E de nossa antiga casa  
Os seus traços definidos deflagrarão o inevitável dia  
de seu inevitável teste  
Os seus traços definidos lembram a mim a cada dia  
minha paternal tarefa  
No playground e na classe chegará o dia de seus traços entrarem  
em choque antitético  
No bairro e na escola chegará de seus traços entrarem  
em choque estético  
No corpo e na alma chegará o dia de seus gestos entrarem  
em choque étnico  
Enquanto isso insisto nos sons cores palavras móveis  
dos palácios antigos  
Por ora apenas seu cabelo cresce enquanto a sua volta tecem  
diversos comentários  
Por ora apenas vagam na cabeçada vizinhança certos conceitos graves  
O cabelo que em sua cabeça cresce incomoda justamente por ser  
a sua própria graça  
O cabelo que em sua cabeça cresce livre cresce sem a violência do ferro  
O cabelo que em sua cabeça cresce ela já percebe é o elo  
que nos agrega  
Dentro da cabeça, que seu cabelo cresce, cresce também o sentido  
de pertencimento  
(Não será feito dela o que quase foi feito de mim, Bombril, cabelo duro, ruim)  
Em seus aniversários percebi passo a passo os sentidos dos ritos  
de confraternização  
No seu último aniversário minha filhinha ganhou  
mais uma boneca bábie  
Minha menina gosta tanto delas em seus traços excessivamente  
familiares  
Os cabelos longos louros e lisos da boneca fazem o delírio  
da menina  
Os cabelos longos louros e lisos da boneca fazem o delírio  
da minha filha  
Os cabelos longos louros e lisos da boneca urdem as malhas  
que o modelo prega  
Virá a inevitável angústia adolescente do “eu queria tanto ser assim”?  
Virão como sempre vêm, com choro, os maus tratos na escola?  
Virá o fogo que nos assola esticar-lhe os fios capilares  
de sua nossa história?  
Estarei eu, novamente, diante de mim, pretinho incomodado no  
meu sono de justo  
Xingarei brancos e embranquecidos e odiarei por dentro,

novamente, este país nojento  
Depois ecoará no vazio do meu peito um verso irônico  
para Silvio Romero e Gilberto Freyre  
Depois falarei da Musa da Guiné de Luiz Gama  
e da Clara dos Anjos de Lima Barreto  
Depois falarei da Mãe Stella do Axé Opô Afonjá  
e da Makota Valdina do Tanuri Junçara  
Riremos juntos nesta terra que também é nossa mas que precisa  
de uma faxina  
Sei que estarei bem e que a Ira nunca será barbarismo na rebeldia  
de nossa família  
Estarei feliz por saber que nunca deixei de dizer a verdade  
para a minha criancinha

(*Gramática da ira*, p. 52-54)

### **Estrangeirismo**

Quando pequeno  
Meus ouvidos mirins já captavam falácias  
Pretinho incomodado  
Esperava ser escolhido por eles  
para as brincadeiras  
deles

Nas festas da escola  
Deles  
Eu sempre de par de dança da minha irmãzinha  
Lucinha

Já me alertavam de inúmeras formas sobre a diferença  
do povo lá de casa  
Mesmo assim, também cobicei na adolescência  
a pele rosada  
das meninas mais cobiçadas do colégio  
deles

E também acompanhei dos concursos de misses  
deles  
pela tevê  
deles...  
e me iniciei nas revistinhas dinamarquesas, francesas, suecas  
deles  
Sonhava e mais nada  
Minha aparência não sustentava as expectativas  
Minhas

A escrita de Abdias  
chegou antes que o fogo do ferro forjasse os cabelos - meus  
E o movimento pela união e consciência – nossa

foi meu primeiro templo

Na redescoberta de mim mesmo  
desinteressou-me de vez  
as princesinhas nórdicas  
deles

Aos poucos fui entendendo que  
só poderia ser Luiz Gama o poeta dos meus avós  
dos pais dos meus avós  
meu

Só no pretérito  
e distante espaço  
Reconstruiríamos um pouco de orgulho e sentido

Reconheci bem o lugar  
que esta terra gigante reservou para mim  
na sua diversidade  
Situando nas quebras da comiseração ou intolerância – deles  
Eu  
a sempre grande estranheza

Passei a dizer todos os dias  
Mesmo com certa dúvida no início:  
eu sou um homem forte sábio e bonito  
às vezes ria de mim mesmo  
(como eles fazem)  
Depois acreditei de fato  
Aprendi esta sisudez de mano irmão brother  
(que os apavora)

Agora acredito  
Sem o vigor em pele carne e osso  
Aquele que sabe das nossas coisas  
(e das deles...)  
Sei que sou belo  
(e em que consiste a beleza deles)  
Já não desejo participar das brincadeiras  
que não sejam de minha infância reencontrada  
depois que aprendi a olhar sem receio para o que há de íntegro  
por entre as quebras de nossas lembranças

Depois de Abdias:  
Garvey, Césaire, King, Malcom, Fanon, Kwame Nkrumah,  
Florestan, Carlos Moore...  
Para o homem violentamente transplantado  
não pode haver a solidão da pátria ou fronteira nacional  
O involuntário êxodo da nossa irmandade  
fundou o sentido de nosso êxito transnacional

O filho solto no mundo de uma mãe  
que agora mais do que nunca  
sabe bem onde encontrá-la  
múltipla mas preservada  
Matriarca

agora mais do que nunca  
sabe de sua unidade sagrada  
Orixalá

Percebi o valor da minha cara  
Recusei a imitação das máscaras deles

O discurso da mistura é apenas a capa da rede de negócios  
Para conter nossa Ira  
Para a permanência e exuberância  
Deles!

(*Gramática da ira*, p. 72-75)

### **A falência dos heróis**

Então, meu chapa  
O que é que você vai fazer agora?  
Agora que a tempestade devolveu Portugal à Europa?  
Agora que Pero Vaz de Caminha é epígrafe do massacre  
dos ameríndios  
Agora que se percebe à luz do dia a alma embranquecida de  
Felipe Camarão e Henrique Dias  
Agora que Tiradentes é brinquedo nas mãos de escravocratas atenuados  
por Paris  
Agora que Dom João fugiu de sua briga para criar a sua eterna  
dívida externa  
Agora que os Pedros são garras do Império que mantiveram a canga  
Agora que Caxias virou algoz de negros brasileiros e exterminador  
de paraguaios  
Agora que demos as costas para a Princesa de Maio  
Agora que descobrimos a cor renegada de Machado  
Agora que Deodoro é precursor de Fernando Henrique e Fernando  
Collor  
Agora que flagramos Rui Barbosa queimando a nossa história  
Agora que Getúlio Vargas é uma veia exposta do nazismo  
Agora que Pelé não faz mais gol-contras com a sua bola branca  
Agora que só lhe restou memória de Ayrton Senna de Mônaco e  
a sombra itálica de Rubinho Barrichello  
No seu país do hipismo de remo de vela do tênis do vôlei  
do automobilismo  
E agora?  
Agora chegou a hora de procurar sua nova cara  
Então, chefe,  
Em quem é que você vai mandar agora?

Quem é que você vai açoitar agora?  
Quem é que você vai enforcara agora?  
Agora que chegou a hora de botarmos as mangas de fora  
Olhar nos seus olhos e perguntar: quem é você agora?  
Agora que se comemora os Caetés devoradores do bispo sardinha  
Agora que Cuhambembe volta a liderar a resitência nativa  
dos tamoios  
Agora que a África reunida é a capital do corpo e do imaginário  
Agora que a Negritude fez renascer suas civilizações antigas  
Agora que se inscreve Acotirene nas linhas da beleza e da resistência  
Agora que Zumbi é o grande Capitão que não mataram  
na República dos Palmares  
Agora que se mostra a insubmissão de João de Deus  
Agora que se sabe da educação refinada e da arte de Ahuna  
Agora que Luiz Gama é o poeta elegido e divulgado  
Agora que Cruz Souza é o poeta repensado e reeditado  
Agora que Lima Barreto é um escritor fora da sarjeta  
que lhe desejaram  
Agora que a grande Mãe Senhora liberta do cativoiro mental  
Agora que a Grande Rainha Ginga refaz a ancestralidade  
Agora que se rememora a cada dia um Vinte de Novembro  
Agora que na escola é Abdias, Mano Brown, Lélia Gonzales  
e Milton Santos  
Agora que se visualiza o universalismo de Ali, Mandela,  
Fela Kuti e Fanon

Agora que Xangô veio acertar as contas!  
Ele que é o mais belo e trança os cabelos  
Ele que é o mais correto e não dá a outra face  
Ele que castiga os mentirosos, os ladrões e os malfeitores  
Ele que é atrevido, violento e justiceiros  
Ele que faz rolar a cabeça dos infratores  
Ele que tem a pele preta  
E agora?

(*Gramática da ira*, p. 123-125)

### **The walk talk man**

Entrei no shopping pela porta da frente  
Lá estava ele como sempre: fechado e bem fardado  
Fora dali, lá na área, no baba do pagode outra pessoa  
Agora era o homem do rádio transmissor – The Walk Talk Man  
Sente mesmo um certo orgulho de si aquele irmão bem colocado  
Se encaixa como limo no mármore entre samambaias  
e as cascatas  
Eu vi quando ele passou um rádio lá tentando se ocultar  
nas dobras da parede  
E ele se duplica fixo firme múltiplo presente e premente – sentinela  
Em cada etapa de meu passeio pelo campo minado de inimigo

Eu prevejo um tiro de morteiro uma bala devidamente perdida  
Mas passo ante as vitrines que me espelham de corpo inteiro  
de cabeça erguida  
Embora eu invadindo aquele espaço mais pareça  
o cristão lançando às feras  
O terrível contrassenso daquela bela paisagem romana  
Algo que se faz bárbaro na ostentação daquele templo ariano  
Em cada canto uma câmara oculta enquadrando classificando  
o meu corpo  
Pesquisando espreitando esquadrihando mirando destacando  
me pedindo um sorriso  
Não entendia muito bem a causa que envolvia a minha pessoa  
Afim de contas já acreditei que todos eram irmãos  
neste país de miscigenados  
Tudo sempre e tanto correria como manda o figurino  
Eu realmente acreditava  
O culpado maior de minha intranquilidade foi este mulatinho  
Isaias Caminha  
A rebeldia de Lima Barreto botou fogo na minha consciência perdida  
Eu também era uma vítima alheia aos atos e sentimentos  
sem causa explicada  
E me sentia como um estrangeiro naquela que diziam a minha terra  
As plumas os chapéus os ternos os sapatos dos que desfilam nesta casa de  
horrores  
Parecem povoar de animais vorazes a grande floresta  
em que me encontro  
Mas esta mata não é ponto de chegada  
É passagem no trajeto de nossa permanência  
Porque é nosso o mistério de caminhar descalços  
sobre as brasas acesas da fogueira de Xangô  
E para o coração de cada irmão sempre sério e bem fardado  
The Walk Talk Man  
Há uma flecha redentora de Oxóssi  
e Ossain queimando a erva da memória.

(*Gramática da ira*, p. 86-87)